



# Narrativas da Serra da Agulha: uma viagem ao passado para alumiar o presente

*Narratives of Serra da Agulha: a journey to the past to  
light up the present*

**Felipe de Cerqueira Lopes\***

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Raquel Cruz Freire Rodrigues\*\***

Universidade Estadual de Feira de Santana

\*Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROBIC/UEFS) e Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da instituição; Contador de histórias; E-mail: [felipelisonjeado@gmail.com](mailto:felipelisonjeado@gmail.com)

<sup>1</sup> Professora doutora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (DEDU/UEFS); E-mail: [raquelrodrigues@uefs.br](mailto:raquelrodrigues@uefs.br)

**Resumo:** O artigo se apresenta no âmbito da tradição oral, tendo como elemento central os Mestres e Mestras. A relevância social da pesquisa se apresenta em socializar o conhecimento da cultura em torno das cantigas, contos, reisados, entre outros. Realizamos a pergunta científica: Como a Mestra se constituiu contadora a partir das relações tecidas durante a sua formação? Levantamos a hipótese que a constituição dos Mestres se apresentam nas suas relações com a realidade social, principalmente com seus parentes e seu trabalho. Seguimos as orientações para a recolha: preparação; iniciação; narração central; fase de perguntas; fala conclusiva. O nosso objetivo foi compreender que a construção do repertório cultural dos Mestres de tradição se apresenta na sua constituição sócio-histórica. A pesquisa está articulada com o projeto “Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia”, financiada pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Ao final da pesquisa foi possível observar a importância da recolha, organização e sistematização deste acervo cultural, para que não se perca na história ou que fique restrito apenas as comunidades dos Mestres; e sim que possa ser socializada de forma sistematizada para as próximas gerações, independentemente da sua região. Destacando a força e poder ancestral da Mestra, trazendo por meio de suas poéticas orais respostas para os tempos atuais como uma lamparina que alumia o nosso presente.

**Palavras-chaves:** Mestres; Formação humana; Tradição.

**Abstract:** The article presents itself within the scope of the oral tradition, having as its central element the Masters and Masters. The social relevance of the research is presented in socializing the knowledge of the culture around the songs, tales, reisados, among others. We asked the scientific question: How did the Master become an accountant based on the relationships woven during her training? We hypothesized that the constitution of the Masters is presented in their relationships with social reality, especially with their relatives and their work. We followed the guidelines for collection: Preparation; initiation; central narration; question phase; conclusive speech. Our objective was to understand that the construction of the cultural repertoire of the Masters of tradition is presented in their socio-historical constitution. The research is articulated with the project “Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia”, funded by the State University of Feira de Santana. At the end of the research, it was possible to observe the importance of collecting, organizing and systematizing this cultural heritage, so that it is not lost in history or that it is restricted only to the communities of the masters; but that it can be socialized in a systematic way for the next generations, regardless of their region. Highlighting the strength and the ancestral power of the master, bringing answers to current times through her oral poetics like a lamp that illuminates our present.

Key-words: Masters; Human formation; Tradition.

*Recebido em 31 de outubro de 2022*  
*Aprovado em 12 de fevereiro de 2023*

LOPES, Felipe de Cerqueira. RODRIGUES, Raquel Cruz Freire. Narrativas da Serra da Agulha: uma viagem ao passado para alumiar o presente. *Légua & Meia*, Brasil, v. 14, n. 2, p. 113-129, 2022.

*“Gente que entende e fala a língua das plantas dos bichos”*  
(Marcus Viana, 1990)

## Introdução

O presente trabalho científico representa a síntese de uma pesquisa realizada no ano de 2021/2022 intitulada *Em busca da ancestralidade na contação de histórias: testemunho da “Gente das Maravilhas”* vinculada ao projeto de pesquisa “Cacimba de histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia” da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tendo como objetivo realizar um estudo intertextual sobre a construção do homem sócio-histórico por meio de entrevistas narrativas sobre a história de vida e repertórios socioculturais de Mestres da tradição oral de cidades do interior da Bahia. Destacamos que a pesquisa foi realizada por quatro momentos: primeiro, a busca pelos Mestres e Mestras da tradição; o segundo, a execução das entrevistas narrativas; o terceiro, a transcrição dos contos recolhidos e; o quarto momento, a realização de um estudo intertextual sobre os contos recolhidos e o referencial teórico sobre a construção do homem sócio-histórico. Devemos destacar que esses momentos não foram realizados de forma etapistas, apresentamos neste formato apenas para que possa entender a lógica do trabalho.

Para o primeiro e segundo momentos, o foco da pesquisa foi na figura dos Mestres narradores e nos contos de tradição que estes guardam na memória. Esse foi um espaço importante para a compreensão de aspectos relacionados à ancestralidade e a questões históricas e sociais da vida desses contadores de histórias. Cabe salientar ainda que os contos colhidos em campo foram transcritos e catalogados conforme Sistema de classificação de Aarne-Thompson ATU<sup>1</sup>. O quarto momento da pesquisa foi realizar uma intertextualização entre os contos colhidos e o referencial teórico, construindo um atrelamento entre a oralidade e a construção do homem sócio-histórico.

O texto foi organizado em seis tópicos. No primeiro, destacamos a pesquisa matriz que dá origem ao artigo; logo, após destacarmos a Mestra que participou da nossa recolha; Depois, apresentamos o trajeto feito com a Mestra Dona Graça por meio das entrevistas narrativas; no quarto, foi a constituição do ser Mestra da tradição a partir das suas relações com o outro, principalmente com o pai, sua grande referência; Em seguida, apresentamos um pouco do repertório cultural da Mestra: tambores, pandeiros, reisados, batatas e cantos; e, para concluir, realizamos uma síntese da importância dos Mestres e Mestras da tradição na formação de novas gerações.

## A cacimba de histórias: beber das águas da oralidade

Somos todos constituídos por histórias. Demarcar desde quando o homem conta é uma tarefa desafiadora, porém, os contadores de histórias exercem o labor da contação de maneira que testemunham e (re)transmitem o que estão em suas raízes ancestrais. Os movimentos realizados pelas histórias são como águas que navegam pela imensidão dos rios da oralidade. Por meio dos contadores de histórias, que também podemos chamar como Mestres, Griot ou Gente das Maravilhas<sup>2</sup>, ocasionam um vínculo humanitário

---

1 Sistema utilizado para classificar contos. Primeiramente, o sistema foi desenvolvido por Antti Aarne e publicado em 1910, o sistema foi traduzido e ampliado por Stith Thompson.

2 A expressão Mestre, segundo Santos, Apoema e Arapiraca (2018) está direcionada para aquele que ensina e transmite saberes. O conceito de griot ou griotes (feminino), segundo Amorim (2020) vem da

entre contador e ouvinte. Sendo capaz de revelar potencialidades, reflexões, modos de convivências, saberes e entendimentos que vão além das margens destes rios.

Segundo Leontiev (1978) as gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram é transmitido às gerações seguintes que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta as riquezas que lhes foram transmitidas e “passam o testemunho” (LEONTIEV, 1978, p. 267). A contação de histórias funciona como o dispositivo que ocasiona a propagação dos testemunhos, que, contado de pais para filhos, avós para netos, contadores para ouvintes, realiza um movimento atemporal. Todas as histórias e saberes transmitidos fazem os sujeitos serem quem são, e são propagados da boca para o ouvido, do ouvido para as gerações, de geração em geração, onde a ancestralidade é preservada por meio da tradição oral, fator essencial para a construção do homem. Para Celso Silva (2013), a conexão tecida entre a ancestralidade e o ato de narrar, é como algo sagrado e sacramentado pela palavra:

Contar é ritualizar. É dar voz ao ancestral. É abrir o corpo para o sagrado. É compactuar com a visão mágica. Palavra lapidada na boca do velho griô é palavra fulgurante. Joia de mil brilhos. Pedra multifacetada. Ele tem muitos corpos: feiticeiro, bicho, caçador, sacerdote, rei, bruxo, chefe, guerreiro. O mundo começa na sua palavra. Dançar o céu, o mar, o rio, a nuvem, a sombra. Cantar os velhos ensinamentos. Narrar a natureza, o clã, a aldeia, os símbolos, a floresta, a savana, o deserto. Seu itinerário é reforçar laços. Ordenar o mundo. Perfumar a memória. Virar história. (SILVA, 2013, p. 1).

A contação de histórias é uma arte milenar que, através da sua longevidade, perpetua o sentimento de pertencimento construído entre o contador e o ouvinte, uma relação estreita capaz de acionar nesses sujeitos aspectos da ancestralidade que os une no momento da escuta de um conto, história ou cantiga. Luciene Santos, Keu Apoema e Mary de Andrade Arapiraca (2018) demarcam que, para alguns, a contemporaneidade é o lugar de atualização da tradição; para outros, é lugar de experimentação e que outros defendem como um laço quase impossível de ser desatado entre a contação de histórias e a leitura. As pesquisadoras observaram que o conto da tradição oral transita desde as sociedades tradicionais até a contemporaneidade, sem perder a sua essência básica e o simbolizam: “ (...) como um viajante que transita da tradição para a contemporaneidade, sujeito às intempéries do caminho, sem perder, no entanto, certa estrutura e funcionalidade que o mantém inteiro no decorrer do tempo” (SANTOS, APOEMA; ARAPIRACA, 2018, p. 41).

Segundo Hampâté Bâ (1980), a palavra deriva de uma origem divina e, pelos caminhos da tradição oral, essa origem ressignifica o entendimento do homem sobre si mesmo, sendo ligado à palavra que propaga.

Nas sociedades orais, não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais

---

África, e refere-se aos sábios e sábias que desempenham um papel importante na oralidade, que é o de transmitir e guardar a memória cultural da sua comunidade. Na obra *A palavra do contador* (2005) Gislaine Matos afirma que “Gente das Maravilhas” é uma expressão de origem árabe, usada pela estudiosa e contadora de histórias em que se refere ao contador de histórias como aquele que semeia sonhos.

forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (HAMPÂTÉ BÂ, 1980, p. 168).

Os tesouros colhidos da palavra do contador, sacerdote das palavras que alumiam, trazem elementos culturais preciosos. Os contos, cantigas, histórias e ensinamentos são transmitidos como documentos vivos, que expõem ideias, costumes, reflexões de um tempo e desbravam andanças entre a tradição e o contemporâneo. Segundo Nanci Nóbrega (2011), as narrativas da tradição oral “são tesouros do repertório humano arquitetado ao longo do tempo e simbolizam a jornada da alma rumo às transformações pessoais” (NÓBREGA, 2011, p. 129). Os tesouros desbravados pelos contadores de histórias são elementos que possuem o poder de carregar, com as águas da oralidade, as cacimbas dos recolhistas e pesquisadores da tradição oral.

O projeto de pesquisa “Cacimba de Histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia”, executa o papel de recolher e propagar esses elementos culturais. A pesquisa é conduzida por meio de entrevistas narrativas, com o objetivo de investigar e dar visibilidade a narradores orais tradicionais de cidades do interior da Bahia, reconstituindo as suas histórias de vida e repertórios socioculturais, para disponibilização pública do conteúdo. Sendo assim, a pesquisa vai além dos muros da academia, onde o material recolhido é organizado e disponibilizado em um acervo digital de livre acesso. A coordenadora da pesquisa, professora Dra. Luciene Santos, destaca que o trabalho de recolha feito pelos pesquisadores da Cacimba de histórias é de extrema importância para o intercâmbio de saberes.

A escola, de posse desse material pode ampliar o repertório de narrativas nas salas de aula para além dos clássicos europeus tão conhecidos por todos. A área de arte poderá abarcar essas histórias para reproduzir espetáculos e sessões de contos capazes de emocionar e integrar o público ouvinte. Assim, acreditamos que este acervo terá alcance em espaços artísticos e formativos. (SANTOS, 2020, p.3).

Em 2021, um dos pesquisadores do projeto, Felipe de Cerqueira Lopes, bolsista de iniciação científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, desbrava o interior do estado da Bahia, primeiramente em formato remoto, a procura de Mestres contadores de histórias para realização da recolha de elementos culturais, por meio das entrevistas narrativas. A partir desse momento, localiza no município de Santa Bárbara, a contadora de histórias Mestra Dona Graça, como prefere ser chamada, com seus 50 anos, nascida e criada no Morro da Serra da Agulha, localizado entre os municípios de Santa Bárbara e Tanquinho, no interior do recôncavo baiano<sup>3</sup>.

A partir das entrevistas narrativas realizadas com a Mestra, a navegação pelos rios da oralidade é tecida dentro da pesquisa com sensibilidade, cuidado e atenção a história de vida da Mestra e seus elementos culturais.

---

3 Sub-região (divisão) da Zona da Mata do Nordeste Brasileiro. O recôncavo baiano está localizado ao redor do município de Salvador (capital da Bahia), sendo composto por 33 cidades.

Ocorre que não há outra maneira de o indivíduo humano se formar e se desenvolver como ser genérico senão pela dialética entre a apropriação da atividade humana objetivada no mundo da cultura (aqui entendida como tudo aquilo que o ser humano produz em termos materiais e não materiais) e a objetivação da individualidade por meio da atividade vital, isto é, do trabalho. (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 426).

Os estudos aprofundados sobre os tesouros trazidos pela Mestra realizam a busca por respostas para a questão norteadora da pesquisa: como a Mestra se constituiu contadora a partir das relações tecidas durante a sua formação? Para responder a essa questão, é necessário navegar nos rios da oralidade que foram fonte da construção da Mestra Dona Graça e em igual proporção beber de suas poéticas orais. Isso porque o nosso objetivo está em realizar um estudo intertextual sobre a construção do homem sócio-histórico por meio de entrevistas narrativas sobre a história de vida e repertórios socioculturais de Mestres da tradição oral.

### Me chame de Dona Graça

Em agosto de 2021, em formato remoto por meio de uma sala de videoconferência no aplicativo *Google Meet*<sup>4</sup>, o pesquisador teve a oportunidade de realizar o seu primeiro contato com a Mestra. É válido destacar que a pesquisa da recolha de contos é necessariamente algo solidificado pela presença física, onde o recolhedor vai até a casa do Mestre e como quem não quer nada, depois de um café, uma prosa, já está a recolher suas histórias. Porém, devido ao período pandêmico provocado pela propagação da COVID-19, a pesquisa passou a ser realizada de maneira remota com o segmento de todos os protocolos do termo consentimento livre esclarecido (TCLE)<sup>5</sup>. Neste momento, adentra a pesquisa um elemento importante e crucial para a gênese da recolha com o Mestre: o mediador. Para a localização da Mestra, o pesquisador precisou buscar em uma vasta rede de contatos, a localização da Mestra e de algum parente que pudesse ser o mediador tecnológico para execução do trabalho. No caso da pesquisa com a Mestra, a mediação foi feita por um familiar que estava ao lado da Mestra e lhe auxiliou com as ferramentas da entrevista narrativa; além disso, o familiar compreendia a importância do trabalho de recolha e preservação dos elementos culturais emanados pela Mestra Dona Graça.

Desde a primeira entrevista narrativa realizada entre o pesquisador e a Mestra, foi destacável o quanto as suas narrativas de vida são fatores determinantes para a sua constituição poética como contadora. Como uma boa oradora, contava suas histórias com tantas cores e detalhes que deixava o entrevistador fascinado. Relatou, com ricas expressões corporais, nos primeiros minutos de que suas histórias começavam a partir do dia de registro de seu nome “desde criança eu não gosto do meu nome” e avisou “me chame de Dona Graça”.

É válido destacar o quanto esse fato emocionou a Mestra durante muitas entrevistas quando era perguntado algo sobre sua infância e também o quanto o

---

4 Serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.

5 O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Mestres e mestras da tradição, trata-se do documento que é apresentado ao Mestre, antes do início das entrevistas narrativas. Nele é explanado sobre a duração da pesquisa, departamento responsável e apresenta os princípios éticos da pesquisa, sinalizando a aprovação e diálogo com o Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição.

pesquisador demonstrou atenção e cuidado com o tema, criando uma ambiência de proximidade com a Mestra.

A construção da intimidade entre o entrevistador e entrevistado permite ao pesquisador desprender-se do papel de controlar o discurso do participante, se está adequado ou não ao material que o pesquisador almeja obter. Ao propor que o entrevistado discorra livremente a partir de uma questão aberta, a investigação possibilita o não condicionamento das respostas, o que propicia para o sujeito da pesquisa a construção gradativa de uma história com tendências próprias, em que os conteúdos implícitos e os não ditos, possam emergir com maior naturalidade e comprometimento com a realidade cotidiana. (MUYALERT; SARUBBI JUNIOR; GALLO; ROLIM NETO, 2014, p. 5).

Verificamos o quanto o pesquisador em paralelo aos estudos sobre a Mestra buscava adentrar ao ambiente em que a mesma está inserida, ao perguntar sobre sua narrativa de vida, crenças e costumes. Dentro da entrevista narrativa, é muito importante que o pesquisador tenha a sensibilidade e uma escuta atenta para com o Mestre, cujo foco da entrevista não foi somente os elementos culturais, mas as experiências humanas do contador de história. Jovchelovitch e Bauer (2002) afirmam que “contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91). É por meio da entrevista narrativa, que o contador e o ouvinte se constituem e humanizam as experiências vividas.

**Figura 1** – Entrevista narrativa realizada pelo pesquisador com a Mestra Dona Graça.



Fonte: Autores (2021).

### **Andanças da Mestra Dona Graça por meio das entrevistas narrativas**

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), o entrevistador precisa realizar a entrevista seguindo um processo de fases e regras, que consistem por:

**Tabela 1** – Fases da entrevista narrativa

<b>FASES</b>	<b>REGRAS</b>
Preparação	Explorar o campo Formular perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa)
Iniciação	Formular o tópico inicial da narração Empregar auxílios visuais quando necessário
Narração Central	Não interromper Motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamentos não verbais

Fase de questionamentos	<p>Usar somente expressões como “Que aconteceu, então?”</p> <p>Não opinar ou fazer perguntas sobre atitudes</p> <p>Não discutir sobre contradições</p> <p>Não fazer perguntas do tipo “Por quê?”,</p> <p>Avançar de perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa) para perguntas imanentes (emergem do relato do entrevistado).</p>
Fala conclusiva	<p>Facultar perguntas do tipo “Por quê?”, como porta de entrada para a análise subsequente</p> <p>Fazer anotações imediatamente depois da entrevista</p>

A partir dessa ambiência de proximidade construída a partir do processo de fases e regras para a execução da entrevista, a entrevistada trazia novos elementos e permitia um aprofundamento maior sobre suas histórias ao pesquisador. Falar das brincadeiras e divertimentos da infância e juventude no Morro da Serra da Agulha, foram como retornar a um tempo distante, mas com gosto de presente. Relembrar sobre as brincadeiras que fazia com os irmãos, como macaquinho (amarelinha); pula-corda; ponga (com as pedras jogando pra cima e pegando) e gangorra, realizou na mestra uma reconstrução de suas memórias. Para os estudiosos Valdir Morigi, Carla Rocha e Simone Semensatto (2012), a memória é uma construção social produzida pelos homens a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas, como afirmam: “Assim, pode-se dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída” (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 184).

Pode-se afirmar, que as entrevistas narrativas passaram a criar fatores significativos para a vida social e construção pessoal da Mestra Dona Graça, sendo a memória uma das lamparinas que passaram a alumiar o seu presente a partir do dispositivo (memórias de suas histórias) acionado por conta das entrevistas. A importância dada pela Mestra quanto ao trabalho da pesquisa, era notório, onde por diversas vezes sinalizava que a cada pergunta ela rememorava outras histórias. Segundo Netto (2008), as narrativas possuem a capacidade de guardar um conjunto múltiplo de informações e que são lembradas a partir de quando são repetidas para outras pessoas.

Uma das possibilidades estratégicas de manipulação institucional de comportamentos que se dá no contexto de uma sociedade de Tradição Oral, ou mesmo nas suas formas remanescentes no interior de uma sociedade de Tradição Escrita, são as narrativas que se transmitem entre todos os membros e entre as gerações de um mesmo grupo. As narrativas orais são, a um só tempo, fenômenos típicos tanto da memória implícita quanto da explícita. Lembramo-nos de uma narrativa quando queremos, e para isso basta que saibamos o seu início ou que tenhamos à mão alguma forma de desencadearmos a sua lembrança automaticamente. Essa forma de documentação de eventos na memória individual é um dos meios institucionalizados próprios das sociedades para garantirem a sua identidade e a sua permanência. Conforme se demonstrará mais adiante, o meio utilizado pelas sociedades de Tradição Oral é a oralidade, valendo-se das memórias coletiva e individual, e o das sociedades de Tradição Escrita são os documentos permanentes, sejam eles escritos ou não, estabelecendo a memória histórica. (NETTO, 2008, p. 17).

A Mestra Dona Graça trouxe a forte influência do seu labor com a terra como uma das fontes das histórias e cantigas que conta e canta. Por morar na zona rural e do difícil transitar para a zona urbana, teve os seus estudos interrompidos na terceira série do ensino fundamental. Por este motivo, passou a se dedicar ao seu labor na terra como agricultora, junto com o seu pai. Nesse momento da pesquisa, com os dados sobre a devoção da Mestra ao labor da terra, o pesquisador conseguiu realizar um estudo intertextual entre a narrativa de vida da Mestra entrevistada, com obras do referencial teórico da pesquisa.

O pesquisador perpetuou-se pelos estudos do plano de trabalho, por meio do artigo “*A formação humana na perspectiva histórico-ontológica*”, escrito por Dermeval Saviani e Newton Duarte (2010), onde, por meio de um recorte da época atual, foi constatando que as ideias educacionais se centram na crítica à razão e às noções de verdade e de objetividade e trazendo inquietações sobre a denominação do clássico, através do trecho:

A ideia de algo que é referência para os demais, que corresponde às regras, que se aproxima da perfeição, que é sóbrio, simples, isento de ornamentações, que é paradigmático, modelar, exemplar. E dessa conceituação derivou o sentido de “clássico” como o que é usado nas escolas, nas aulas, nas classes de ensino. (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 430).

A partir dessa leitura, o pesquisador trouxe um clássico da literatura brasileira contemporânea para realizar um estudo intertextual dentro da pesquisa e que dialoga com a história de vida da Mestra Dona Graça, a obra *Torto Arado*<sup>6</sup>, escrita pelo geógrafo e doutor em estudos étnicos Itamar Vieira Junior. Nas profundezas do sertão baiano, os leitores são envolvidos pela história das irmãs Bibiana e Belonísia, que tecem uma saga de valores e lutas por suas terras e tradições. Uma obra que se torna a cada dia atemporal e que, em cada página, o leitor é chamado para reflexões e o debate sobre a valorização das tradições orais.

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porque de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade. (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 170).

Por conta da perda de seu pai e para poder sobreviver economicamente, no final da década de 90, a Mestra se muda para outra cidade e passa a trabalhar como empregada doméstica. Durante as entrevistas, ao falar dessa ocupação, trouxe para a Mestra muitas recordações do quanto esse labor era muitas vezes explorador e a interrupção do desejo de retornar a escola para conclusão dos seus estudos. O labor como empregada doméstica

---

6 A obra foi vencedora do Prêmio Leya, em 2018, o que lhe garantiu 100 mil euros e a publicação do livro tanto em Portugal quanto no Brasil, no ano de 2019. Em 2020, iniciou sua trajetória de sucesso com prêmios como o Jabuti até bater a marca dos 100 mil exemplares no ano de 2021.

não a proporcionava um sentimento de realização, como quando trabalhava com a terra. Segundo Marx (1985), esta sensação em que o indivíduo possui em um trabalho sem o sentimento de realização é provocado pelo trabalho alienado. Aliado à necessidade de ocupar um posto de trabalho, faz com que esse indivíduo tenha de se sujeitar às regras impostas pelo seu empregador.

O trabalho é externo ao trabalhador, quer dizer, não pertence a seu ser; que em seu trabalho não se afirma, mas se nega; não se sente feliz, mas infeliz; não desenvolve uma livre energia física e espiritual, mas mortifica seu corpo e arruína seu espírito. Por isso o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, e no trabalho se sente fora de si. Está em sua casa quando não trabalha e quando trabalha não está em sua casa. Seu trabalho não é, assim, voluntário, mas forçado, trabalho forçado. Por isso não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um meio para satisfazer as necessidades fora do trabalho. (MARX, 1985, p. 108-109).

É válido destacar o trabalho como a atividade vital humana, e por onde a constituição sócio-histórica do homem é constituída. A partir disso, quando ocorre o processo de venda dessa atividade humana em troca da sobrevivência, como no labor da Mestra quando empregada doméstica, muitas riquezas individuais do indivíduo são perdidas.

Na forma da atividade vital reside o caráter dado de uma espécie, seu caráter genérico, e a atividade livre, consciente, é o caráter genérico do homem. A vida mesma aparece somente como meio de vida. [...] A atividade vital consciente distingue imediatamente o homem da atividade vital animal. Justamente, e só por isso, é ele um ser genérico. Ou, dito de outra forma, somente é ser consciente, quer dizer, somente é sua própria vida objeto para ele, porque é um ser genérico. Só por isso sua atividade é livre. O trabalho alienado inverte a relação, de maneira que o homem, precisamente por ser um ser consciente, faz de sua atividade vital, de sua essência, um simples meio para sua existência. (idem, p. 111-112).

Após alguns anos trabalhando como empregada doméstica em casas de família, a Mestra consegue reunir algumas economias e regressa até sua cidade natal e constitui família. Ao longo das entrevistas, Mestra trouxe elementos sobre a sua convivência com os seus três filhos e como (re)transmite para eles os seus saberes. Relatou que eles serão os propagadores de suas histórias e o ensino escolar, que foi dela negado, é o “prato de comida” que sempre deu para os seus filhos e que observa o quanto isso é essencial para a trajetória deles. A partir das respostas sobre os questionamentos referentes ao seu papel de mãe, a Mestra Dona Graça demarca o fio condutor dos seus saberes ancestrais.

### **O pai: herói, mãe e contador**

“Aonde ele pisava, eu pisava”, uma das frases ditas pela Mestra quando questionada pelo pesquisador o motivo referir-se, por inúmeras entrevistas, ao seu pai como herói.

Ele foi o meu herói pois me defendia de tudo na vida, e ele nunca encostou um dedo em mim. Teve um tempo que passou por uma grande dificuldade dentro de casa, por falta da mulher e não achava trabalho, ele trabalhava de pasto, e chegava gente para tomar os filhos dele para criar, e ele dizia que eu posso dar até o derradeiro, mas ela não. *Ela ai que vai ficar até o fim da minha vida, porque ela não é só minha filha, ela é minha filha, minha companheira e minha mãe*, então agente viveu uma vida como que se fosse dois irmãos. Aonde ele pisava, eu pisava, era batendo papo junto, dando risada e contando histórias. (Trecho transcrito, Mestra Dona Graça, 2021)

A relação constituída entre a Mestra e seu pai, é algo determinante para a sua construção sócio histórica. Desde o momento em que sinaliza que o seu pai, por conta das dificuldades financeiras, teve que se dispor de seus irmãos – para adoção -, mas a continuou criando, demonstra o vínculo afetivo e ancestral que ambos possuíam um pelo outro. Ao longo das entrevistas narrativas, Mestra Dona Graça sinaliza que o ato de ouvir histórias, contos e cantigas, foram provenientes de seu pai, a herança deixada por ele, como ela afirma em alguns momentos e defende quando ele foi o seu Mestre da Tradição. Quando em determinado ponto da entrevista, o pesquisador pergunta quem a contava histórias, é categórica em dizer que outros mais velhos contavam, mas não com a mesma emoção de seu pai.

Cabe salientar que a performance do pai contador, lembrado pela Mestra com saudosismo. Conta em uma das entrevistas que sempre era no final da tarde e não fazia de uso de adereço ou figurino especial algum, depois do trabalho na lavoura, e sentava-se em um banquinho – acompanhado por um copo de café – e desatava a contar histórias, causos e lendas. Como o conto de animais, “*A senhora e a cobra*”:

Essa história foi meu pai que me contou, é de uma senhora que gostava muito de fazer sambas em sua casa e convidar muitas pessoas. Um belo dia, ela estava dando um samba com a casa cheia de gente e quando entrou na roda foi tomada por uma energia de encantamento e começou a cantar: vem cobra jararaca, vem cobra jaracuçu, venha cobra cipó que eu tanto espero por tu. Venha caninana, vem também a malha de sapo, vem o cascavel, vem também o jaracuçu! Quando a senhora começou a cantar, foram chegando diversas cobras por todos os lugares da casa e as cobras iam se entrelaçando no corpo da senhora. O povo começou a pular pela janela, outros subiram na mesa e alguns correram pela porta e quem me contou vazou e caiu fora! (Trecho transcrito, Mestra Dona Graça, 2021).

O companheirismo daquele pai sertanejo e sua filha mais nova, é algo demarcado para a construção cultural dos saberes da Mestra. Inclusive, em outros contos recolhidos, como o conto maravilhoso “*O lobisomem*”, a Mestra traz uma lenda urbana que salienta no contar a influência de seu Mestre contador.

Um agricultor vivia com sua filha caçula na Fazenda Gravatá, localizada no interior do recôncavo baiano, no município de Santa Bárbara. No tempo da plantação de mandioca, o agricultor teve uma boa e farta plantação do fruto e contratou um torrador para ajudar na peneiração de farinha. A fazenda ficava próxima a uma estrada chamada estrada boiadeira. Este local era muito conhecido e temido,

pois diziam que no calar da noite aconteciam coisas misteriosas. Os mais velhos diziam que quando tudo escurecia, passava alguém montado em um cavalo gritando e quando as pessoas saíam na porta não encontravam nada. A filha do agricultor não acreditava nessas histórias, pois dizia que nunca tinha visto assombração. Em uma noite, o pai pediu para a filha ir até a casa de farinha levar o café do torrador e ajudar na peneiração da farinha. A menina chamou a filha da vizinha para ir junto. Quando estavam no caminho, debaixo de um pé de quixabeira, avistaram um bicho horrível, medonho e grande. O bicho uivava, mas não era um lobo. O bicho era grande, mas também não era um cavalo. O bicho tinha um rosto, mas não era gente. Foi quando elas olharam bem mais de perto e a filha do agricultor disse: Corre que é o lobisomem, É O LOBISOMEM! Quando a menina falou “é o lobisomem”, a assombração começou a correr atrás das meninas, subiram a ladeira e picaram o pé até chegar na casa de farinha. Quando conseguiram chegar na casa de farinha, fecharam a porta com bastante força e o bicho foi embora. O torrador começou a tremer de tanto medo, mas depois conseguiram fazer com que ele se acalmasse e começaram a fazer o seu trabalho. Quando acabaram, pediram ao torrador para ir com elas até em casa. Mas o torrador estava com muito medo e falou: Eu não, deus me livre, levo não! A filha do agricultor teve uma ideia! Ela tinha um cachorro chamado Dorli, que estava perto da casa de farinha e sempre a protegia. A menina pegou cinco cordas de pindoba e colocou no pescoço do valente Dorli e desceu junto com sua amiga para a casa de seu pai. Dorli foi na frente e espantou qualquer assombração que poderia aparecer. As meninas chegaram sãs e salvas em suas casas e a partir desse dia nunca mais duvidaram do que os mais velhos falam! (Trecho transcrito, Mestra Dona Graça, 2021).

Resgatando histórias da região, a Mestra Dona Graça rememora em uma das entrevistas, o conto “A menina e pena de saquê”, que reconta a saga de um conto novelesco, com aproximações as fábulas dos Irmãos Grimm<sup>7</sup>:

Ói, era uma época, uma ocasião, existia uma família de condição financeira alta e uma família, não pode dizer pobre porque não era pobre de tudo a tudo, de uma *condiçãozinha*<sup>8</sup> muito pouca, eram humildes, mas de uma *condiçãozinha* lá embaixo e a outra era classe média muito alta mesmo, tinha tudo que quisesse tinha na mão. E esse pai tinha uma filha adolescente e o outro pai também tinha uma adolescente, o pai rico, aí essas duas adolescentes estudava na escola, na mesma escola, era colega uma da outra. Aí lá na escola o professor botou um concurso na escola e chegou e falou: Quem aí quer entrar no concurso? Suspende a mão! Ninguém quis entrar, só foi essas duas adolescentes que suspendeu a mão. Uma falou “quero” e a outra falou “quero”. A fraca de condição e a de condição. O professor falou: Óia é o seguinte, vai ter um concurso e o concurso vai ter um desfile. A fantasia do concurso é uma roupa feita toda de pena de saquê e também vai fazer uma coroa de pena de saquê pra botar na cabeça. O pai da adolescente rica tinha um criatório imenso de saquê no terreiro e a outra mais fraca o pai nunca

7 Jacob e Wilhelm Grimm, dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade mundial.

8 Condição financeira.

quis criar uma saquê. Ai a menina rica chamou a outra e falou: Você vai lá pra casa, todo dia de manhã cedo pra catar pena de saquê mais eu. As meninas tinham que catar as penas e tinha o dia determinado de levar as penas para o próprio professor, junto com outra professora, ajuntar os dois para fazer a roupa. A menina de condição, a menina rica, tinha a mãe que fazia tudo, que nem uma peça de roupa lavava, achava tudo nas mãos. E a pobrezinha não tinha sequer uma mãe dentro de casa, que a mãe já tinha falecido, ela era o mourão da casa pra tudo, pouco ela tinha tempo. Ela era pra buscar água no tanque longe, era pra *barrer*<sup>9</sup>terreiro, caçar lenha, cozinhar comida, lavar roupa, arrumar casa e ainda cuidar do pai. Ela não tinha muito tempo para ir caçar pena no *muturo*<sup>10</sup> da casa, porque tinha o horário para botar comida pro pai, tinha horário pra tudo, ela era de fazer o café e fazer tudo na vida. Ai na hora que podia, aquela pobre ia pra casa da rica ajudar a catar pena. A rica levantava de manhã cedo, cedinho ela já tava no *muturo* catando aquela imensidão de pena. A pobre ia pra lá catar pena, saía da casa dela para catar em outra vizinha que tinha criatório de saquê, mas era nas horas vagas. Chegou o dia de levar as penas, as duas foi e levou as penas e entregou o professor. O professor junto com a outra professora foi fabricar as roupas, aí ele avisou: Só quem vai ganhar o prêmio é quem ganhar em primeiro lugar. Que prêmio vai ser? Uma boneca de quase um metro, que chora e que fala “mamãe”. A boneca logo chegou na escola, a coisa mais linda desse mundo. Quando chegou o dia para vestir a roupa, mandou chamar as duas, quando chegou na hora, deu a notícia: A pena de saque não deu para terminar a sua roupa (com a pobre). A pena de saque da outra, deu pra terminar a roupa da outra. Quem vai desfilir é a outra (rica). Aí a menina rica foi e desfilou e ganhou a boneca e a fraca ficou com trauma só de ouvir falar em pena de saquê. (Trecho transcrito, Mestra Dona Graça, 2021).

Diversos fatos, além das histórias e cantigas contadas, resgatam elementos que elencam o protagonismo e influência do pai em sua vida. O labor na terra trouxe mais outros fortes elementos culturais enriquecedores para a constituição sócio-histórica da Mestra: a “Bata de feijão” e a “Folia de Reis”.

### **Tambores, pandeiros, reisados, batatas e cantos**

Tambores ecoavam para anunciar que os cantadores de Reis estavam chegando. Pandeiros sobre o fogo de lenha, aqueciam sob as labaredas para serem usados nas batatas de feijão. Cantos eram propagados entre o sol e o luar do Sertão, para anunciar que ali era uma terra de gente feliz. Com estas simbologias, a Mestra Dona Graça demarcou o quanto as influências culturais trazidas pela “Folia de Reis” e a “Bata de feijão”.

A festa em homenagem aos Reis Magos acontece há cerca de 2.000 anos em diversas partes do mundo, acontecendo entre os festejos Natalinos e o dia 06 de janeiro. A Folia de Reis, ou Reisados, é constituída por um ritual que acontece todos os anos no mesmo período e da mesma maneira, onde grupos organizados de pessoas saem pelas ruas da cidade, visitando as casas e tocando músicas populares, cantos e encantatórias em homenagem aos Reis Magos e ao nascimento do menino Jesus, acompanhados com

---

9 Varrer.

10 Lugar das casas, em zona rural, onde são colocadas as plantações. Assemelhando-se a um quintal.

músicos e vestes coloridas que demarcam os personagens da festa. Para a Mestra, a festa tratava-se de mais um momento de enriquecimento de seus saberes culturais e de entretenimento, e dizia que existiam duas modalidades de reisados: “rei roubado” quando chegam na casa das pessoas sem avisar e “rei avisado”, aquele no qual os cantadores de Reis avisam ao dono da casa previamente. O pesquisador teve a oportunidade de assistir a Mestra Dona Graça trazendo algumas cantigas ecoadas durante o reisado, como no trecho a seguir:

Ô de casa, ô de fora  
Ô de casa, ô de fora  
Maria vai ver quem é  
Maria vai ver quem é  
É o cantador de reis  
É o cantador de reis  
Quem mandou foi são José  
Quem mandou foi são José  
(Cantiga transcrita, Mestra Dona Graça, 2021)

Entre as andanças pelos elementos culturais da Mestra, a “Bata de feijão” foi diversas vezes citada ao longo da entrevista. A atividade que ocorre após o tempo da colheita de feijão funciona como uma tradução e continuidade da organização de comunidades rurais. Através da bata, que é entoada por cantos e sambas, ocorre uma forma de manifestação cultural e de se pensar no labor com a terra e demarcar o quanto o labor constitui e humaniza o homem sócio-histórico.

Esses elementos e outros que a Mestra trouxe nas entrevistas funcionam como ferramentas de continuidade das tradições, promovendo a manutenção da tradição por meio da memória, como afirmam os estudiosos Morigi, Rocha e Semensatto (2012) “através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana” (MORIGI; ROCHA; SEMENSATTO, 2012, p. 182).

### **Como a Mestra se constituiu contadora e outras considerações**

Nós, seres humanos, somos feitos de histórias. Portanto, todo os saberes que transmitimos se constitui história a partir de todas as relações tecidas durante a nossa trajetória e forma o Mestre Narrador. Para Benjamin (1985), as narrativas são formas artesanais de comunicação, utilizadas pelos seres humanos para contar histórias e que por elas lembramo-nos de nossas experiências, encontrando possíveis explicações para elas e define o fermento do narrador como, “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1985, p. 198).

Pensar na importância sobre a pesquisa apoiada pela entrevista narrativa é necessário para abrimos a janela da memória, por meio dos nossos Mestres e Mestras da Tradição, para termos uma compreensão humana sócio-histórica. Por esse motivo, quando é perguntado a Mestra Dona Graça, como ela observa este movimento feito a procura sobre sua história de vida e de seus elementos culturais, ela afirma:

Pra mim é uma importância muita grande recordando o passado, vivendo o presente e contar tudo isso que eu vivi com o meu pai. E

muito importante que eu estou passando pra você e você vai passar para outras pessoas. E pra onde você andar, você vai passar essas histórias e muitos terão interesse em ouvir. (Trecho transcrito, Mestra Dona Graça, 2021).

A pesquisa nos possibilitou em compreender um pouco como indivíduos se constituem Mestres, a importância das cantigas e contos para a perpetuação da cultura e a finalidade de poder sistematizar estas riquezas culturais para que não se percam com o tempo.

Será que se requer grande acuidade de espírito para se compreender que ideias, noções, concepções, numa palavra, a consciência do ser humano sofre modificações em função das mudanças que se operam nas condições concretas de sua existência material, em suas relações sociais, em sua vida social. (MARX; ENGELS, 1984, p. 34).

A contemporaneidade aliada à tecnologia trouxe comodidades para a preservação dos tesouros culturais, que jamais pensaríamos ter. Por fim, acreditamos que o papel da pesquisa realizada com a Mestra, além de realizar um estudo científico sobre a sua constituição humana sócio-histórica, é o de promover um intercâmbio de saberes entre o conhecimento acadêmico e o popular, potencializando a riqueza ancestral de nosso Sertão e propaga o repertório poético da Mestra Dona Graça. O trabalho executado pela pesquisa é de extrema importância para a preservação das tradições orais, e que a partir desses estudos são constituídas ramificações sobre a perspectiva do homem histórico-social, potencializando assim a aprendizagem dos envolvidos em sua produção.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In. *Os Pensadores vol. XLVIII*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 1.ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin M. Entrevista Narrativa. In. Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.) *História Geral da África*. São Paulo: Editora Ática/UNESCO, 1980.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Global, 1984

MARX, Karl. *Manuscritos: economía y filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1985

MORIGI, Valdir Jose, ROCHA, Carla Pires Vieira da, SEMENSATTO, Simone. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Ano 09, número 14, 2012, p. 182-191. Disponível em:

<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4833/4323>. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

MUYLAERT, Camila Junqueira Muylaert; SARUBBI JUNIOR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite. *Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa*. Rev Esc Enferm USP. Ano 48, número 2, 204. p.193-199. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>

NETTO, Waldemar Ferreira. *Tradição Oral e Produção de Narrativas*. São Paulo: Editora Paulistana, 2008.

NOBREGA, Nanci. Gonçalves. da. *Bibliotecas: vozes silenciadas?* In: PRIETO, B. (Org.) *Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

SANTOS, Luciene Souza; APOEMA, Keu. ARAPIRACA; Mary de Andrade. *Contações de histórias: seguindo o curso de suas águas*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

SANTOS, Luciene Souza. *Contadores de histórias da bahia: história de vida e repertórios de contos da tradição*. In: ANPOLL, 35., 2020, Maringá. Anais eletrônicos. Enanpoll, 2020, p.1-7. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0127-1.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 422-433, 2010.

SILVA, Celso Sisto. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, v.09, n.01, p. 1-13, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/43352/27859>. Acesso em: 20 jun. 2022.

VIANA, Marcus. *Pantanal*. Rio de Janeiro: Sonhos e Sons, 1990. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/3j2Iv7c5CIa9Jp9goWPTu2?si=aDgfX2AITlmokONJikiGrA>. Acesso em 1 jun. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.